

**ALUNO COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
DISCUSSÕES SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR**

STUDENT WITH PHYSICAL DISABILITIES PHYSICAL
EDUCATION IN SCHOOLS: DISCUSSIONS ON SCHOOL INCLUSION

Título resumido: Aluno com deficiência física na Educação Física

Greice Rosso Lehnhard

Licenciada em Educação Física e Especialista em Educação Física Escolar pela
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Rua Cel. Niederauer, 1644/504, Centro, Santa Maria, RS, CEP 97015-122

E-mail: grelehnhard@gmail.com

Mara Rubia Antunes

Doutora em Motricidade Humana com especialidade em Dança pela FMH/UTL.

Professora do Departamento de Desportos Individuais do CEFD/UFSM.

Avenida Roraima, 1000, Cidade Universitária, Prédio 51, Sala 2028 , Camobi, Santa

Maria, RS, CEP 97105-900.

E-mail: rubiaufsm@hotmail.com

RESUMO

Este estudo teve como objetivo discutir como ocorre a inclusão de aluno com deficiência física em aulas de Educação Física. O grupo foi composto por onze alunos e pela professora responsável pelas aulas de Educação Física de uma classe do 1º ano do ensino regular de uma escola pública estadual de ensino regular da cidade de Santa Maria/RS. Para a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos: observações e entrevistas. As observações analisaram se as atividades favoreceram a inclusão, como o aluno com deficiência física participava e a relação entre os alunos durante as atividades. As entrevistas foram compostas por três roteiros: uma para o aluno com deficiência física; um para alunos sem deficiência e o terceiro para a professora. Os dados foram analisados através de três categorias: I. A participação do aluno com deficiência física nas aulas de Educação Física; II. A percepção dos alunos acerca da participação do aluno com deficiência física nas aulas de Educação Física; III. A percepção da professora acerca da participação do aluno com deficiência física nas aulas de Educação Física. Pode-se observar que a inclusão do aluno com deficiência física é favorecida nas aulas de Educação Física, mas na maioria das atividades tem auxílio da professora que relatou algumas dificuldades no planejamento das aulas. Os alunos relacionam-se bem, mas ainda são necessárias mudanças no intuito de consolidar a inclusão na turma.

Palavras-chave: Educação inclusiva. Educação Física. Aluno com deficiência.

ABSTRACT

Key-words: Inclusive education. Physical Education. Students with disabilities

INTRODUÇÃO

A escola tradicional foi criada para oportunizar o mesmo conhecimento a todos, garantindo que houvesse igualdade de oportunidades. Essa escola tornou-se homogeneizadora dos conteúdos e dos alunos, desconsiderando que os alunos com alguma Necessidade Educacional Especial poderiam vir a ser matriculados nessas instituições. A partir disso, foram criadas as escolas especiais, onde os alunos eram reunidos de acordo com sua deficiência, a fim de agrupar indivíduos com características semelhantes (RODRIGUES, 2003).

No intuito de inserir os alunos com deficiência nas escolas tradicionais, a educação passou a ser orientada pelo princípio da integração, ou seja, o aluno que possuía alguma Necessidade Educacional Especial seria preparado para conviver no ambiente escolar. Com o advento da inclusão foi proposto que houvesse modificações na sociedade como um todo a fim de permitir o pleno desenvolvimento dessa população (SASSAKI, 2005).

Dentre as pessoas com NEE estão as com deficiência, podendo ser mental/intelectual, física, sensorial ou múltipla (BRASIL, 2007). Nesse estudo será abordada a deficiência física que trata-se do comprometimento na realização de alguma atividade motora.

A educação inclusiva está sendo difundida nas escolas de todo país, com isso há cada vez mais alunos com deficiência nas escolas de ensino regular. No entanto, a simples inserção desses alunos nas turmas não assegura que a inclusão esteja ocorrendo para sua consolidação, faz-se necessário a superação de muitas barreiras atitudinais e a mobilização da comunidade escolar em geral.

Para que a inclusão ocorra, é importante que os professores que trabalham diretamente com as turmas promovam a inclusão dos alunos com deficiência, e especialmente o professor de Educação Física, auxilie no desenvolvimento das capacidades motoras, muitas vezes desconhecidas pelo próprio aluno.

A Educação Física é caracterizada como uma área onde, fazendo-se pequenas adaptações, a participação de todos é possível e, independente das limitações apresentadas pelo aluno com deficiência, proporciona a interação entre os alunos e, conseqüentemente, a inclusão (DUTRA; SILVA; ROCHA, 2006).

Concordamos com os autores acerca das possibilidades de adaptações que a Educação Física oferece, no entanto, quando um aluno com deficiência física está presente na aula, seu corpo é colocado em movimento, movimento este que poderá evidenciar sua deficiência e, com isso, suas dificuldades. Esta exposição é o que causa o grande impacto que a deficiência física apresenta comparada às demais deficiências.

No processo de inclusão dos alunos com deficiência física, é importante que o professor de Educação Física esteja consciente de sua importância, como um facilitador do rompimento de barreiras e promoção do acesso à educação de qualidade por seus alunos. Nebrera (2009) ainda coloca que é muito importante o professor conhecer bem seu aluno com deficiência física a fim de proporcionar o aprendizado significativo.

As pesquisas acerca da educação inclusiva vêm multiplicando-se, Silveira e Neves (2006) realizaram uma pesquisa com o objetivo de identificar a concepção de pais e professores acerca da inclusão de alunos com deficiência múltipla, da qual participaram dez (10) professores e dez (10) familiares. Os autores encontraram que os pais e os professores não creem na inclusão escolar dessas crianças, isto porque acreditam que as crianças não podem desenvolver-se tendo em vista que as escolas de ensino regular não estão preparadas.

No sentido de avaliar as atitudes dos professores no que diz respeito à inclusão de alunos com deficiência, Gomes e Barbosa (2006) aplicaram um questionário com sessenta e oito (68) professores de ensino fundamental, sobre a possível inclusão de um aluno com Paralisia Cerebral em sua turma. Foi encontrada uma desarmonia entre as dimensões cognitiva, afetiva e atitudinal dos professores, o que pode significar barreiras em relação à inclusão do aluno com Paralisia Cerebral.

Ainda, Lopes e Nabeiro (2008) investigaram a percepção de alunos sem deficiência sobre a participação de uma colega com deficiência nas aulas de Educação Física e encontraram que a aluna com deficiência participa das aulas com auxílio e não atrapalha o andamento das mesmas, concluindo que os alunos reagem de forma positiva à inclusão.

Estas pesquisas são muito importantes no que se refere à prática pedagógica dos professores diante da educação inclusiva, referem-se à opinião de professores, coordenadores, diretores, colegas e, em alguns casos famílias, em relação à participação e/ou presença dos alunos com deficiência na escola, porém não evidenciaram a opinião dos próprios alunos com deficiência.

Nesse sentido, este estudo justificou-se primordialmente pela preocupação em estudar a inclusão e a participação de alunos com deficiência física em aulas de Educação Física em turmas de ensino regular a partir da ótica do aluno com deficiência, estabelecendo um elo com a percepção de seus colegas e professores. Sendo assim buscou-se analisar e discutir como ocorre a inclusão de alunos com deficiência física em aulas de Educação Física de uma escola da rede regular de ensino.

METODOLOGIA

Caracterização da pesquisa

A pesquisa é de caráter qualitativo que, de acordo com Silva (1996) é uma perspectiva bastante útil quando investigamos questões acerca da vida dos sujeitos e sua compreensão sobre o mundo. Ainda, a pesquisa qualitativa caracteriza-se por abarcar um número reduzido de casos e um grande número de variáveis, é subjetiva, normalmente realizada em ambiente natural e aproxima o pesquisador e o sujeito.

De acordo com Santos (2001) é uma pesquisa descritiva, já que visa “descrever um fato ou fenômeno” (p.26). Além disso, segundo o autor, é do tipo estudo de caso onde o objeto de pesquisa é restrito, esta forma de coletar informações é utilizada no intuito de aprofundamento no tema estudado.

Grupo de estudos

Primeiramente foi diagnosticado, através 8ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), as escolas públicas regulares da rede estadual de Santa Maria – RS que possuíam alunos com deficiência física matriculados. Em seguida as escolas foram contatadas e uma das instituições que matriculava alunos com deficiência física que participava das aulas de Educação Física foi escolhida aleatoriamente.

O grupo foi composto por uma classe do 1º ano do ensino regular de uma escola pública da cidade de Santa Maria – RS. A turma era composta por dezesseis (16) alunos dos quais onze (11) responderam a entrevista (dez alunos sem deficiência, um aluno com deficiência física), não foram entrevistados cinco (05) alunos cujos pais não autorizaram sua participação. As aulas de Educação Física eram ministradas pela professora da turma e como critério de inclusão no grupo de estudos o aluno com deficiência física deveria participar destas aulas.

O aluno com deficiência física tem como causa uma Paralisia Cerebral, estava com oito (08) anos de idade, para locomover-se utilizava uma cadeira de rodas, tinha dificuldades para manusear a cadeira de rodas e para comunicar-se verbalmente. A professora da turma tinha formação em Pedagogia – Séries Iniciais e em Educação Especial com ênfase em deficiência mental (intelectual), atuava no magistério há dezesseis (16) anos e ministrava aulas para turmas onde alunos com deficiência física estavam matriculados há dois (02) anos. Esta mesma professora era responsável pelas aulas de Educação Física da turma.

Inicialmente buscou-se turmas onde o professor que ministrava as aulas de Educação Física tivesse formação na área, todavia dentre as escolas que possuem alunos com deficiência física que participam das aulas de Educação Física

Procedimentos e instrumentos para a coleta de dados

Na visita a escola, foi entregue a Carta de Apresentação e assinada a autorização da escola para o desenvolvimento do estudo. Os responsáveis pelos alunos e a professora da turma foram consultados para autorização da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Em seguida foram observadas oito (08) aulas de Educação Física da turma selecionada para a verificação de como ocorre a participação do aluno com deficiência física nas atividades. As observações foram anotadas em uma Ficha de Observação das aulas de Educação Física (LEHNHARD, 2009), contendo itens a respeito das atividades como: se favoreceu a inclusão, como o aluno com deficiência física participa e a relação entre os alunos durante as atividades. As observações foram do tipo participante, onde o pesquisador está presente no ambiente, mas não interferindo no objeto de estudo (GIL, 2006).

Ao final das observações foram aplicados três roteiros de entrevista, o primeiro aplicado com aluno com deficiência física (LEHNHARD, 2009), contendo perguntas abertas e fechadas, acerca das atividades realizadas nas aulas de Educação Física e a relação com os colegas sem deficiência.

O segundo foi um Roteiro de entrevista aplicado com os alunos sem deficiência da própria turma (baseado em CASSIANO; GOMES, 2003; LEHNHARD, 2009). O roteiro possui questões abertas, acerca das atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física e a relação com o colega com deficiência.

O terceiro foi um Roteiro de entrevista para a professora da turma (baseado em BARBA, 2005), o roteiro é constituído por questões abertas acerca da participação do aluno nas aulas de Educação Física e da sua relação com os demais colegas.

Os dados foram analisados através do método de elaboração e análise de categorias segundo Bardin (1977). Essas categorias foram sugeridas a partir do referencial teórico, da ficha de observação, do roteiro da entrevista com os alunos com

deficiência, do roteiro de entrevista com os alunos sem deficiência e do roteiro de entrevistas com os professores.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, reconhecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa sob o número de processo 23081.004281/2011-83, Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 0041.0.243.000-11.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e as discussões serão apresentados em três categorias: I. A participação do aluno com deficiência física nas aulas de Educação Física; II. O entendimento dos alunos acerca da participação do colega com deficiência física nas aulas de Educação Física; III. O entendimento da professora acerca da participação do aluno com deficiência física nas aulas de Educação Física.

I. A participação do aluno com deficiência física nas aulas de Educação Física

Esta categoria surgiu dos resultados encontrados a partir das observações realizadas nas aulas de Educação Física da turma participante do estudo. A Ficha de Observação tinha o objetivo de avaliar se as atividades favoreciam a inclusão, se o aluno com deficiência participava e como era a relação entre os alunos no desenvolvimento das mesmas.

Foram observadas oito (08) aulas de Educação Física da turma, as aulas aconteciam duas (02) vezes na semana, com duração de quarenta e cinco (45) minutos a uma (01) hora, as observações foram realizadas nos meses de maio e junho de 2011.

As oito (08) aulas observadas compreenderam trinta e duas (32) atividades. Primeiramente foi observado se as **atividades favoreciam ou não a inclusão do aluno com deficiência física** (grifo meu). Destas atividades, vinte e quatro (24) favoreceram a inclusão e oito (08) não. As que favoreceram a inclusão foram atividades como alongamentos com o auxílio da professora, passar por linhas onde o aluno era o

primeiro da fila, *coelhinho sai da toca*¹ sempre com o auxílio de um colega, manuseio de balões e algumas estafetas onde o aluno era auxiliado pela professora da turma ou por um colega e manuseava sozinho o material.

Dentre as atividades que não favoreceram a inclusão do aluno que possui deficiência física estava uma de relaxamento que o aluno não realizou, *ovo choco*², uma atividade em que os alunos deveriam manter-se imóveis ao sinal da professora (estátua), uma estafeta com amarrações de nós em cordas onde o aluno apenas acompanhava a professora e não teve a oportunidade de fazer os nós, duas rodas cantadas em que saltos faziam parte das coreografias, duas estafetas com obstáculos pelos quais a cadeira de rodas não teria a possibilidade de passar e uma roda cantada onde alguns alunos passavam entre as pernas dos colegas.

Diehl (2006) cita que a Paralisia Cerebral é uma lesão que pode comprometer o sistema corporal da criança, por esse motivo

...é de suma importância trabalhar com tarefas que estimulem o desenvolvimento da consciência corporal, como aquelas que envolvem discriminação entre esquerda e direita, dominância lateral, consciência das partes do corpo, orientação espacial, direcionalidade e percepção do próprio controle motor (p. 104)

Todavia notou-se que algumas destas habilidades e capacidades motoras não foram estimuladas nas atividades propostas, ainda, a atividade estátua, que trabalharia a consciência corporal e a amarração de nós em cordas, que envolve o controle motor não teve participação efetiva do aluno com deficiência física e não favoreceu sua inclusão no grupo.

Lehnhard et al (2009) citam que a Educação Física tem o potencial de oferecer diferentes experiências de movimento e de comunicação entre os alunos por ter seus conteúdos mais flexíveis e facilmente adaptados às necessidades da turma se comparada às demais disciplinas curriculares e, a partir desta característica, torna-se facilitadora da inclusão escolar.

¹ Atividade em que os alunos formam trios, dois unem-se para formar a 'toca do coelho' e um aluno é o coelho, ao sinal do professor, os coelhos devem trocar de toca e então os coelhos sem toca tentam encontrar uma livre.

² As crianças sentam em círculo sem olhar para trás, uma criança fica do lado de fora da roda e segura uma bola. Ela começa a caminhar ao redor do círculo e, assim que der, larga o objeto atrás de uma criança sentada. A criança da roda, ao perceber que recebeu o 'ovo podre', deverá apanhá-lo e sair correndo atrás do companheiro que o colocou. Se a criança que colocou o ovo for apanhada antes de chegar ao lugar vago, deverá ir para o centro da roda 'chocar'.

As atividades de estafeta foram repetidas e apresentaram resultados diferentes no que diz respeito à inclusão do aluno com deficiência, favorecendo em alguns momentos e não favorecendo em outros. Alguns fatores que podem ter influenciado nesses resultados diferenciados são a atitude do aluno frente aos colegas sem deficiência, e também o contrário, e a atitude da professora no que diz respeito às estratégias utilizadas na execução destas atividades. Para que a inclusão seja efetivada é necessário o comprometimento do professor da turma, tanto no trabalho com o aluno com deficiência, quanto na aceitação e respeito dos demais alunos em relação às dificuldades que podem ser apresentadas em função da deficiência.

A inclusão, segundo Sasaki (2005), é um processo que envolve a comunidade escolar como um todo na preparação de um ambiente favorável à inclusão. Lehnhard et al (2009) colocam que a Declaração de Salamanca, documento que norteia a educação inclusiva, dá à escola que adotou a política de inclusão o dever de organizar-se no intuito de garantir o aprendizado desses alunos e preparar-se para o trabalho com a heterogeneidade de seus discentes.

A partir do momento que trabalhamos com turmas onde alunos com deficiência física estão matriculados, é importante que algumas adaptações sejam feitas no intuito de assegurar sua participação e oferecer a ele e à turma experiências significativas no seu desenvolvimento físico, social e cognitivo (STRAPASSON; CARNIEL, 2007).

Se a criança com deficiência física for aceita pelo grupo no que diz respeito ao seu modo de locomover e movimentar-se e for estimulada para realizar as mesmas atividades que os colegas sem deficiência, esta criança terá seu sentimento de capacidade aumentado o que, conseqüentemente, melhorará sua aceitação (DIEHL, 2006).

Ainda, Flores, Lehnhard e Lehnhard (2011) ressaltam que é importante o professor transmitir a esse aluno sua importância no grupo, incentivando sua participação nas atividades e para que se movimente de forma autônoma. Todavia ficou evidente que durante as atividades que favoreceram a inclusão o aluno com deficiência física participou, na maioria delas, com o auxílio de alguém, o que deixa de abranger o que foi citado como um fator importante pelos autores.

Dentre as atividades que não favoreceram a inclusão do aluno estava uma estafeta com amarrações de nós em cordas, Diehl (2006) traz que comparadas às atividades de motricidade fina, as que envolvem a motricidade ampla podem apresentar resultados

superiores em função da dificuldade de apreensão que as pessoas que possuem Paralisia Cerebral podem apresentar. Porém é importante que sejam dadas oportunidades a todos os alunos, independente de suas possíveis dificuldades, tendo em vista que os mesmos podem responder de forma diferente do que se espera.

Sobre a **forma de participação do aluno com deficiência física nas aulas de Educação Física**, em vinte (20) atividades foi auxiliado pela professora da turma, em seis (06) teve o auxílio de um colega, em cinco (05) houve auxílio do grupo e em uma (01) participou sozinho.

A professora auxiliava o aluno tanto no manuseio da cadeira e dos materiais como na realização de movimentos, os colegas auxiliavam no manuseio da cadeira de rodas, sempre se ofereciam para esse auxílio. O aluno com deficiência física não solicitava auxílio, mas para que o mesmo realizasse as atividades era auxiliado. A atividade que o aluno com deficiência física participou sozinho era uma “volta a calma” onde os alunos faziam movimentos de inspiração e expiração sob o comando da professora, o auxílio não foi dado pela professora, mas houve a motivação verbal por parte da mesma.

O comportamento da professora diante do aluno com deficiência apresentou uma barreira atitudinal, barreiras estas que dizem respeito às atitudes preconceituosas em relação às pessoas com deficiência. Pode-se notar que houve assistencialismo e superproteção nos momentos em que fazia as tarefas pelo aluno ao invés de apenas auxiliá-lo, que se caracterizam pela inibição da experimentação de estratégias para a participação nas atividades pelo próprio aluno com deficiência e pelo impedimento da exploração do ambiente com autonomia com receio que o aluno possa ferir-se (LIMA; SILVA, 2009).

Em contrapartida, precisamos levar em conta a responsabilidade que a professora tem diante da integridade física de todos os seus alunos, talvez por isso exista o receio de dar total liberdade ao aluno que utiliza cadeira de rodas.

Outra questão importante, destacada por Tudela (2002), é respeito que precisamos ter com o ritmo do aluno que possui Paralisia Cerebral. A autora destaca que essas crianças têm necessidades bastantes particulares e “geralmente, eles são vagarosos ao falar, andar, alcançar objetos, se alimentar, escrever, desenhar” (p. 176).

No que se refere à participação do aluno com deficiência física nas aulas de Educação Física, Nebrera (2009) destaca a relevância do professor oferecer ao mesmo

tempo a maior autonomia possível, incentivando sua atuação no meio e comunicação com os colegas.

Foi observado, na realização da atividade *ovo choco*, que a professora e os colegas passaram a utilizar a cadeira de rodas do aluno com deficiência física como um cabide, isto porque alguns objetos e sacolas com materiais utilizados na aula foram dependurados na mesma.

Tudella (2002) alerta para o fato que a cadeira de rodas faz parte do espaço corporal da pessoa que possui deficiência física, assim sendo apoiar-se na mesma ou utilizá-la como suporte para os materiais é o mesmo que utilizar-se do corpo da pessoa, o que faz com que estas atitudes não sejam recomendadas.

Também foi observado como se deu o **relacionamento entre os alunos durante as aulas de Educação Física**, de acordo com o Ferreira (2004) relacionamento é a capacidade de conviver, comunicar-se ou relacionar-se com as pessoas, além disso, pode ser entendido como uma ligação de amizade ou de afeição que depende de uma gama de atitudes em nível de reciprocidade. A partir disso foram consideradas relações os atos de comunicação entre os alunos e de tentativa de estabelecer um relacionamento durante as atividades.

No que diz respeito ao relacionamento do aluno com deficiência física com os colegas, em doze (12) atividades relacionou-se com alguns colegas, em dez (10) não houve relacionamento, em nove (09) apenas relacionou-se com um (01) aluno e uma (01) atividade relacionou-se com todos. Sobre o relacionamento dos alunos da turma com o aluno com deficiência física, em treze (13) atividades alguns alunos se relacionaram com o aluno com deficiência física, em onze (11) somente um relacionou-se, em sete (07) nenhum se relacionou e em uma (01) atividade todos se relacionaram com o aluno com deficiência.

Em estudo realizado por Cassiano e Gomes (2003), onde foram observadas aulas de Educação Física de uma turma em que uma aluna com deficiência visual estava participando a aluna procurava relacionar-se com todo o grupo e obteve êxito no contato com os colegas. Já no presente estudo, os alunos da turma buscavam relacionar-se com o colega com deficiência física durante as aulas de Educação Física, todavia o mesmo não reagia a aproximação dos colegas ou recusava-se a interagir com os mesmos em muitos momentos.

Esta diferença de atitudes dos alunos com deficiência supra citados pode ser explicada pelo tempo de convivência que os tem com a turma, sendo possível que a menina com deficiência visual estivesse há mais tempo convivendo com o turma, fato que pode aproximar os alunos e facilitar a interação.

Os autores ainda salientam a importância do desenvolvimento social da criança que possui algum tipo de deficiência durante as atividades realizadas nas aulas de Educação Física a fim de ser um adulto com melhor envolvimento social.

Segundo Canziani (1994) citado por Tudella (2002), um dos fatores que dificulta a estruturação de uma escola para adotar uma política inclusiva é a falta de preparação das crianças sem deficiência para aceitar e brincar com os colegas que possuem deficiência. Todavia, a partir do momento que as crianças sem deficiência passam a relacionar-se com aquelas que possuem algum tipo de deficiência e o professor está preparado para mediar essas relações, será criado um ambiente de compreensão das diferenças existentes entre as pessoas e das dificuldades que o colega com deficiência possa vir a ter, assim como de suas potencialidades.

II. O entendimento dos alunos acerca da participação aluno com deficiência física nas aulas de Educação Física

Esta categoria foi originada das entrevistas realizadas com o aluno que possui deficiência física e com dez (10) alunos sem deficiência. Foram entrevistados onze (11) alunos da turma participante, dos quais um (01) possui deficiência física. Todos os alunos relataram gostar das atividades realizadas nas aulas de Educação Física porque podiam brincar e se divertir com os colegas, mas Vitor³ (aluno com deficiência física) considerava algumas atividades difíceis de serem realizadas.

Dez (10) alunos responderam que conheciam todos os seus colegas e sabiam o nome de todos e Luana respondeu que conhecia “*mais ou menos*” sua turma. Todos os alunos sem deficiência relataram conhecer o colega Vitor, dentre as justificativas apresentadas, Iuri e Juliano afirmaram que o conheciam porque ele utilizava cadeira de rodas. Ainda, todos os alunos consideravam-se amigos do Vitor.

³ Serão utilizados pseudônimos para todos os participantes deste estudo no intuito de manter em sigilo suas identidades.

Ao serem questionados sobre o fato de terem um colega com deficiência física, cinco (05) achavam “*bom*” e os outros cinco (05) consideravam “*ruim*”. Os que consideravam bom comentaram que podiam brincar e passear com o colega, dentre os que achavam ruim, Mariana comentou que o colega não poderia ir ao outro pátio em função das escadas. Igor respondeu que “*ele não pode andar, só pode mexer as mãos*”, Cássio e Joana comentaram que o colega não poderia correr e brincar e, Pedro respondeu: “*não acho legal porque todo mundo deveria andar como os outros, sem cadeira*”.

Os dez (10) alunos sem deficiência relataram que era a primeira vez que tinham um colega com deficiência, sete (07) disseram conversar com o aluno com deficiência e os momentos de conversa mais citados foram a sala de aula (04 vezes), o recreio (03 vezes), na aula de Educação Física e antes da aula (02 vezes). Quando pedido que os alunos citassem seus três (03) melhores amigos na turma, apenas João e Pedro citaram o Vitor.

Algumas barreiras atitudinais foram observadas nas falas dos alunos, a “*percepção de menos-valia*” foi observada nas falas de Igor, Cássio e Joana porque os mesmos não acreditavam que o colega com deficiência física teria a capacidade de realizar alguma tarefa ou movimento. Além disso, a inferioridade foi percebida na fala do aluno Pedro que acreditava que o colega com deficiência não acompanharia o grupo o que, segundo Lima e Silva (2009), se trata de um equívoco já que cada indivíduo apresenta seu ritmo de aprendizagem, sendo assim, mesmo que as mesmas atividades sejam propostas para todo o grupo, cada um age de maneira única.

Ainda, Mariana citou a questão do ambiente, Palma e Manta (2010) citam que as barreiras arquitetônicas presentes nos diversos ambientes escolares podem dificultar ou até inviabilizar a mobilidade do aluno que utiliza cadeira de rodas.

Dentre os alunos sem deficiência entrevistados quatro (04) chamaram a atenção para a limitação física do aluno com deficiência física o que evidencia a importância de haver um trabalho na turma como um todo em relação às barreiras atitudinais e, a partir da convivência e das atividades, chamar a atenção para as potencialidades do aluno que possui deficiência.

Para que uma escola torne-se inclusiva de fato, há a necessidade de haver um comprometimento de todos no intuito de proporcionar aos alunos experiências significativas para sua formação cidadã. Nesse intuito é essencial que o professor utilize

estratégias adequadas às possibilidades dos alunos com e sem deficiência, construindo assim um ambiente democrático para construção de conhecimento baseado no respeito à diversidade (DUTRA; SILVA; ROCHA, 2006).

As aulas de Educação Física onde o processo de inclusão está inserido propiciam aprendizados importantes para os alunos, Mauerbeg-deCastro (2005) destaca que os alunos com deficiência adquirem experiências através da diversidade de capacidades humanas, tornam-se mais independentes quando adultos a partir do entendimento de que possuem algumas diferenças, mas que isso não os faz inferiores e, por consequência, passam a ser mais conscientes de seus direitos e deveres perante a sociedade.

A autora também salienta que os alunos sem deficiência aprendem a contemplar a diversidade, amadurecem mais rápido e tornam-se adultos com atitudes coerentes, reconhecedores dos direitos de todos e que o preconceito em relação à deficiência travam a tolerância social.

Em estudo realizado por Lopes e Nabeiro (2008) acerca da percepção dos alunos da 2ª série sobre a participação de uma colega com deficiência física nas aulas de Educação Física, 89% dos alunos responderam que acreditam que a aluna possa participar das atividades, sendo que para 23,5% destes a cadeira de rodas possibilita sua participação. Já no presente estudo, metade dos alunos não considera positivo o fato do aluno ter que utilizar a cadeira, parecendo considerar isso uma inferioridade por alguns deles.

Com isso evidencia-se a necessidade de um trabalho mais voltado a estas percepções dos alunos no sentido de melhorar suas concepções acerca do fato da utilização da cadeira de rodas, para que ela passe de um empecilho a um meio de locomoção e possibilidade de participação.

Lopes e Nabeiro (2008) ainda destacam que quando os alunos com e sem deficiência convivem, a diversidade humana torna-se comum o que faz com que as diferenças sejam reconhecidas e respeitadas.

III. O entendimento (A VISÃO?) da professora acerca da participação do aluno com deficiência física nas aulas de Educação Física

Esta categoria partiu da entrevista realizada com a professora da turma participante do estudo. Para a professora da turma a inclusão escolar “*é os alunos*

participarem e estarem no grupo apesar da diferença”. Segundo a professora, o aluno com deficiência física participava das aulas de Educação Física de acordo com suas possibilidades e com auxílio, além disso, acreditava que as aulas favoreciam a inclusão do mesmo.

Sua maior dificuldade era selecionar atividades em que todos os alunos participassem e, apesar de oferecer muitas brincadeiras aos alunos, considerava difícil a participação do aluno com deficiência física pelo mesmo demonstrar pouco interesse e havia poucos materiais.

Capellini e Rodrigues (2009) trazem que o entendimento que o professor tem acerca da inclusão pode orientar suas atitudes diante deste processo, além disso, determinam “não só as expectativas do professor, mas também a oferta de oportunidades para desenvolver-se, oferecida aos alunos com deficiência” (p. 363).

No estudo realizado pelas autoras acerca das dificuldades que os professores encontram no processo de inclusão e a quem as atribuem, quatrocentos e vinte e três (423) professores participaram e, ao contrário do que ocorreu historicamente, onde a responsabilidade do fracasso recaía sobre o aluno, fizeram referência às condições da instituição e à formação deficitária dos professores.

A professora participante do presente estudo também fez referência à falta de materiais para este trabalho, mas notou-se um ponto importante a ser discutido nas falas da professora, que relatou falta de vontade do aluno, que por sua vez relatou encontrar dificuldades na realização de algumas atividades. Com isso, fica evidente a necessidade de aprimoramento do trabalho que vem sendo desenvolvido, tanto no planejamento das atividades quanto no encorajamento do aluno para participar mais efetivamente e com maior autonomia das mesmas.

Falkenbach e Lopes (2010) investigaram a compreensão de dois professores acerca da inclusão de alunos que possuem deficiência visual em aulas de Educação Física. Os autores perceberam que o professor esforça-se no sentido de oferecer possibilidades ao aluno, todavia tem dificuldades para conseguir melhor engajamento do aluno em função do esgotamento de possibilidades para sua efetiva participação nas aulas.

Esses resultados e os encontrados na presente pesquisa chamam a atenção para a importância que o professor que trabalha com alunos que possuem deficiência tem diante do processo de inclusão escolar. As atitudes desses professores são decisivas e

repercutem diretamente na participação dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física (FALKENBACH; LOPES, 2010).

No que diz respeito à formação continuada, a professora relatou que na escola só há discussões sobre deficiência intelectual, mas busca sugestões com as professoras de Educação Física. Em estudo realizado por Gomes e Barbosa (2006), 76,47% dos docentes não participavam de cursos ou palestras referentes à inclusão de alunos com Paralisia Cerebral, a partir disso entendem que a falta de professores capacitados para o trabalho com estes alunos é uma barreira a ser transposta pela política de educação inclusiva.

Em estudo sobre as perspectivas de professoras acerca da formação profissional em Educação Física para o trabalho com a inclusão, as participantes se consideraram despreparadas para educar crianças com e sem deficiência em um mesmo ambiente. No sentido de preparar os professores para o processo de inclusão escolar, os autores sugerem o desenvolvimento profissional na busca de “auto-aprimoramento” a partir do entendimento de que este é o ponto de partida para a ampliação e obtenção de resultados positivos por meio da formação continuada (CRUZ; SORIANO, 2010).

Gomes e Barbosa (2006) sobre a formação inicial e continuada de professores para o trabalho com alunos com deficiência ressaltam que “a capacitação profissional só poderá apresentar resultados positivos, quando forem revistos e compreendidos, primeiramente, os posicionamentos e as atitudes dos professores frente à própria atuação profissional” (p. 09). Ainda, os autores colocam que faz-se necessária a reformulação de cursos e palestras voltados à formação continuada em educação inclusiva no intuito de torná-los incentivadores de atitudes mais positivas diante desta política.

A relação dos alunos sem deficiência com o aluno com deficiência física, segundo a professora, é boa e eles costumam ser solidários, já o aluno com deficiência física nem sempre aceita auxílio dos colegas. Segundo Falkenbach e Lopes (2010) as crianças apresentam uma relação natural mesmo que a aparência as distancie em um primeiro momento, ocasião em que a professora necessita de capacidade para conduzir os alunos de forma que interajam naturalmente diante das diferenças. Todavia Tudella (2002) aponta para o fato de que nem sempre a pessoa que possui deficiência vai aceitar auxílio, por isso é importante que a ajuda seja aceita previamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo podemos verificar que na turma investigada o aluno com deficiência física participa das aulas de Educação Física e sua inclusão é favorecida pelas atividades realizadas. Todavia, essa participação é baseada no auxílio da professora, o que traz discussões acerca das possibilidades de dar mais liberdade ao aluno, mas ao mesmo tempo, viabiliza a participação deste nas atividades.

Ainda ficou evidente que há a necessidade de aprimoramento no relacionamento entre os alunos, tendo em vista que para uma turma ser inclusiva de fato faz-se necessário uma relação constante e de respeito entre todos os alunos. Para que estas questões sejam atendidas a professora ganha responsabilidade no sentido do favorecimento da inclusão e do respeito às diferenças. Entretanto é importante que a professora não seja a única responsável pelo sucesso da inclusão, fazendo-se necessária a constituição de uma rede de apoio na base da educação inclusiva.

Embora a professora da turma tenha relatado que possui dificuldades no planejamento em Educação Física, a inclusão do aluno está ocorrendo na maioria das atividades. Notou-se ainda que é feito um esforço para que o aluno com deficiência física participe junto com seus colegas. Além disso, os colegas mostraram-se receptivos à inclusão deste aluno mesmo havendo algumas barreiras atitudinais por parte dos mesmos.

A solidificação da inclusão passa pela eliminação de barreiras, tanto as físicas e de atitudes, quanto as pedagógicas que envolvem a formação inicial e continuada de professores no sentido de que os planejamentos das aulas atendam à todas as diferenças. Ainda, a comunidade escolar como um todo é envolvida neste projeto o que engloba preparar os alunos e os professores, assim como aproximar os pais da escola e solidificar a direção e coordenação para a adoção da política inclusiva.

Por fim, cabe salientar que a inclusão está sendo desenvolvida gradualmente na turma estudada, passo extremamente importante na consolidação de uma política de educação inclusiva na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBA, P. C. S. D. De que inclusão estamos falando? A percepção de Educadores sobre o processo de inclusão escolar em seu local de trabalho. **Pedago Brasil**. 2005. Disponível em: <http://www.pedagogobrasil.com.br/educacaoespecial/dequeinclusao.htm>. acessado em maio de 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2007.

CAPELLINI, V. L. M. F. RODRIGUES O. M. P. R. Concepções de professores acerca dos fatores que dificultam o processo da educação inclusiva. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 355-364, set./dez. 2009.

CASSIANO, F.. GOMES, N. M.. O Deficiente Visual no Ensino Regular, um Estudo de Caso em Aulas de Educação Física. **In: Educação Física, atividades motoras e lúdicas, e acessibilidade de pessoas com necessidades especiais**. MARQUEZINE, M. C.; ALEMIDA, M. A.; BUSTO, R. M.; TANAKA, E. D. O. (orgs.). Londrina: Eduel, 2003.

CRUZ, G. de C.; SORIANO, J. B. Perspectivas docentes sobre a formação profissional em Educação Física para atuação em contextos inclusivos. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 1-16, set./dez. 2010.

DIEHL, R.M. **Jogando com as diferenças: jogos para crianças e jovens com deficiência**. São Paulo- SP: Phorte, 2006.

DUTRA, R. S.; SILVA, S. S. M.; ROCHA, R. C. S. A educação inclusiva como projeto da escola: O lugar da educação física. **Revista Adapta**, Ano II, nº 1, p. 7-12. Rio Claro: UNESP, 2006.

FALKENBACH, A. P.; LOPES, E. R. Professores de Educação Física diante da inclusão de alunos com deficiência visual. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 118, set./dez. 2010. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/9469/8394>. Acessado em dezembro de 2011.

FERREIRA, A. B.de H. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 3ª. edição, Editora Positivo, 2004.

FLORES, P. P.; LEHNHARD, G. R.; LEHNHARD, A. R. Inclusão escolar e Educação Física: refletindo sobre a participação dos alunos com deficiência física. **Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deporte**, Buenos Aires, a.16, n.159, p.1-5, Agosto de

2011. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd159/inclusao-escolar-e-educacao-fisica.htm>. Acessado em janeiro de 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOMES C.; BARBOSA, A. J. G. Inclusão escolar do portador de paralisia cerebral: atitudes de professores do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Vol. 12, n.º1. Marília, 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382006000100007. Acessado em dezembro de 2011.

LEHNHARD, G. R.; PERAZZOLLO, L. U.; MANTA, S. W.; PALMA, L. E. A inclusão de alunos com deficiência em escolas públicas e em aulas de Educação Física: um diagnóstico. **Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deporte**, Buenos Aires, a.14, n. 139, Diciembre de 2009. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd139/inclusao-de-alunos-com-deficiencia-em-educacao-fisica.htm>. Acessado em dezembro de 2011.

LEHNHARD. G. L.. **Aulas de Educação Física e Inclusão: um estudo de caso com a deficiência física**. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria. 2009.

LIMA, F. J. de; SILVA, F. T. dos S. **Barreiras Atitudinais: Obstáculos à Pessoa com Deficiência na Escola**. In: *SOUZA, O. S. H. (org.) Itinerários da Inclusão Escolar: Múltiplos Olhares, Saberes e Práticas*. 2009.

LOPES, A. de C.; NABEIRO, M. Educação física escolar e o contexto inclusivo: o que pensam os educandos sem deficiência?. **Motriz**, Rio Claro, v.14 n.4, p.494-504, out./dez. 2008.

MAUERBEG-DECASTRO, E. **Atividade física adaptada**. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005.

NEBRERA, J. J. R.. Alumnado com discapacidad motora, respuesta educativa. **Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deporte**, Buenos Aires, a.13, n.128, p.1-7, Agosto de 2011. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd128/alumnado-con-discapacidad-motora-respuesta-educativa.htm>. Acessado em janeiro de 2012.

PALMA, L. E.; MANTA, S. W. Alunos com deficiência física: a compreensão dos professores de Educação Física sobre a acessibilidade nos espaços de prática para as

aulas. **Revista Educação**, Santa Maria, Vol. 35, n. 2, p. 303-314. Santa Maria, 2010.

Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao> Acessado em janeiro de 2012.

RODRIGUES, D.. **A educação física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas**. In: Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física. Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana. v. 24/25, p. 73-81, 2003.

SANTOS, A. R dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 4ª edição. Rio de Janeiro: De Paulo Editora Ltda, 2001.

SASSAKI, R. K.. Inclusão: o paradigma do século 21. **Revista Inclusão**, Ano I, nº. 01, p.19-23. Rio Claro: UNESP, 2005.

SILVA, S. A. P. dos S. A pesquisa qualitativa em Educação Física. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, 1996.

SILVEIRA, F. F.; NEVES, M. M. B. da J. Inclusão escolar de crianças com deficiência múltipla: concepções de pais e professores. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 22, n.º1. Brasília, 2006

STRAPASSON, A. M.; CARNIEL, F. A Educação Física na Educação Especial. **Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deporte**, Buenos Aires, a.11, n.104, p.1-7, Enero de 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd104/educacao-fisica-especial.htm>. Acessado em novembro de 2011.

TUDELLA, E. **Deficiência Física**. In: *PALHARES, M. S.; MARINS, S. Escola Inclusiva*. São Carlos: UFSCar, 2002.